

econômica colonial. Ela se definia como colonial não porque processada na colônia, mas porque realizava o lucro no exterior: *economia colonial, em qualquer tempo, é aquela que realiza o lucro no exterior*, no todo ou na máxima parte. Realizando-se o lucro no exterior, a classe dominante na metrópole não interferia na produção e a classe dominante na colônia não interferia na comercialização; as esferas de ação ficavam claramente delimitadas.

Essa delimitação, que transformava a classe dominante colonial em mandatária da classe dominante metropolitana, funcionou enquanto o capital comercial metropolitano teve primazia e condições para presidir o desenvolvimento mercantil. Pela sua natureza, no entanto, ele não era nacional, isto é, não estava integrado na estrutura econômica portuguesa — como não estava na espanhola — e deslocou-se para outras áreas, abandonando a *colonização*.¹⁷ Esse desenraizamento do capital comercial assinala a debilidade metropolitana e vai ocasionar as alterações que, em longo processo, motivarão a autonomia das colônias ibéricas no continente americano.¹⁸ A empresa brasileira produtora de açúcar foi, sem dúvida — à custa da pilhagem da África e da depredação dos valores naturais no Brasil —, a maior das empresas devidas ao capital comercial e, portanto, a maior entre aquelas estruturadas na fase pré-capitalista.¹⁹ Suas características permaneceram, ao longo dos séculos; estão presentes, ainda hoje, em vastíssima região brasileira, como a terrível herança colonial, particularmente sob sua forma mais ostensiva: o latifúndio.

¹⁷ "Na história, houve países que atingiram papel relevante na troca e, assim, geraram um capital comercial vultoso para o tempo, mas não alcançaram, com isso, as condições indispensáveis para passar de um modo de produção feudal a um modo de produção capitalista, ainda que tivessem, na fase mercantil, função vanguardista. Essa função declinou justamente em consequência de não se ter sucedido à fase mercantil uma fase capitalista, de não ter o capital auferido na esfera da produção substituído o capital auferido na esfera da circulação. Foi este o caso das repúblicas italianas, sob determinadas condições, uma vez que ali as manufaturas encontraram lugar antes que surgissem em outras áreas. Foi este o caso de Portugal e Espanha, onde o capital comercial apresentou relevo singular, já sob outras condições, de vez que as manufaturas não conseguiram alcançar um nível de desenvolvimento que permitisse a transformação subsequente". (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 26).

¹⁸ "Os lucros auferidos pela Coroa e pelos mercadores, como não eram fundados na produção do próprio Reino, tendiam a acumular-se no estrangeiro, particularmente com os holandeses. Em mãos destes é que, aplicados na produção própria, uma vez que a Holanda dispunha de manufaturas importantes, subverteria as bases da produção feudal. A transferência de tais lucros é que faz com que Portugal tenda a perder a sua destacada posição no quadro mundial". (Nelson Werneck Sodré: *op. cit.*, p. 30).

¹⁹ "O Brasil é o único país das Américas criado, desde o início, pelo capitalismo comercial sob a forma de empresa agrícola. (...) A caça ao indígena, para utilizá-lo como mão-de-obra escrava ou semi-escrava, constitui o capítulo americano da obra de pilhagem que realizaram os portugueses para fundar o seu império colonial do Atlântico Sul. Essa pilhagem, cabe sublinhar, realizou-se essencialmente na África, de onde foram extraídos milhões de escravos, e nas Índias Orientais, onde o rendoso comércio das especiarias era imposto a tiros de canhão". (Celso Furtado: *op. cit.*, p. 93/95).